

10**ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: DESAFIOS E CAMINHOS POSSÍVEIS PARA EDUCADORES****REMOTE TEACHING IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC: CHALLENGES AND POSSIBLE WAYS FOR EDUCATORS****Kassia Magaly Oliveira da Costa Sarmiento^{*94}**

RESUMO: Em decorrência do contexto de pandemia, vivido por toda a população mundial, todas as atividades educacionais presenciais no Brasil tiveram que ser suspensas, a educação brasileira se reinventou e adotou novos mecanismos para que pudesse continuar. A medida de urgência adotada foi o ensino remoto. Para este artigo realizamos uma pesquisa de campo com educadores das redes de ensino pública e privada. O nosso objetivo foi identificar os desafios e os caminhos possíveis para que os educadores pudessem conduzir o ensino de forma remota. Para tanto contamos com a colaboração de três educadores, um da educação básica, outro do ensino tecnológico e um do ensino superior. Realizamos a pesquisa através de questionários que foram encaminhados para seus e-mails. Nele levantamos questões sobre, como foi a adaptação das metodologias de ensino? como foi a experiência de aproximação com as tecnologias digitais? e como aconteceu o processo de avaliação dos alunos neste período? Os resultados indicaram que todos os colaboradores da pesquisa apresentaram algum tipo de dificuldade em lecionar de maneira remota, cada um com a sua particularidade, indo desde a adequação com as tecnologias; dificuldades em desenvolver metodologias eficazes para o novo modelo de ensino; e até o distanciamento físico da sala de aula, porém na mesma intensidade se mostraram adaptáveis e disponíveis a aprender e desenvolver novas metodologias que se adequassem ao novo momento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Pandemia, Ensino remoto, tecnologias digitais.

ABSTRACT: As a result of the pandemic context, experienced by the entire world population, all face-to-face educational activities in Brazil had to be suspended, Brazilian education reinvented itself and adopted new mechanisms so that it could continue. The urgent measure adopted was remote teaching. For this article, we carried out a field survey with educators from public and private education systems. Our objective was to identify the challenges and possible ways for educators to conduct teaching remotely. For that, we had the collaboration of three educators, one from basic education, another from technological education and one from higher education. We carried out the survey through questionnaires that were sent to your e-mails. In it, we raise questions about, how was the adaptation of teaching methodologies? How was the experience of getting closer to digital technologies? And how did the student assessment process

^{94*} Mestre em Psicologia (UFAL). Pós-graduação Lato Sensu em Docência na Educação Profissional (IFAL). Pós-graduação Lato Sensu em Terapia Cognitivo Comportamental (IBF). Pós-graduação Lato Sensu em Psicologia Clínica e Saúde Mental (CESMAC). Graduação em Psicologia (CESMAC). Psicóloga. Professora na Faculdade Maceió (FAMA).

happen during this period? The results indicated that all research collaborators had some type of difficulty in teaching remotely, each with their own particularity, ranging from adaptation to technologies; difficulties in developing effective methodologies for the new teaching model; and even physical distance from the classroom, but at the same intensity, they were adaptable and available to learn and develop new methodologies that suited the new moment.

KEYWORDS: Education, Pandemic, Remote learning, digital technologies

1 INTRODUÇÃO

A educação a distância é uma realidade antiga e consolidada no Brasil, já a utilizamos de diversas formas. Em meados de 1900 surgiram cursos de qualificação profissional através de correspondência, os cursos de datilografia eram os mais procurados, época em que as atividades institucionais administrativas estavam começando a se modernizar. Também tivemos um período onde utilizamos o rádio, cursos transmitidos através das ondas de rádio se tornaram populares. Depois, com a difusão dos televisores por todo o país, parecia ser uma boa ideia utilizar esse meio de comunicação para a oferta de cursos, neste período tivemos como referência os telecursos (EAD, 2016). Estudos do Ipea (2012) mostram que pouco antes de 1900 já existiam propagandas de cursos profissionalizantes por correspondência em jornais do Rio de Janeiro. Nos anos 1940, com a popularização do rádio e dos eletrodomésticos, os cursos de eletrônica e rádio via cartas foram se multiplicando.

Ao longo de sua história, a educação a distância traçou uma trajetória de avanços. No início do século XX, tornou-se uma modalidade de ensino capaz de atender a todos os níveis educacionais, incluindo, programas formais de ensino, aqueles que oferecem diplomas ou certificados, e programas de caráter não formal, cujo objetivo era oferecer capacitação para a melhoria no desenvolvimento das atividades profissionais (MUGNOL, 2009). Assim, fosse com programas formais de ensino, ou com capacitações, cursos introdutórios de reciclagem e outros, ficou claro que a educação a distância se solidificou e se consagrou como efetiva no Brasil. Ela se desenvolveu através da articulação de atividades pedagógicas capazes de desenvolver os aspectos afetivo, psicomotor e cognitivo dos estudantes. Para isso, utiliza-se de formas de comunicação não contígua, que independem do tempo e do lugar onde se encontram os atores do processo, isso a torna interessante principalmente para pessoas adultas, que desejam se qualificar, porém não dispõem de muito tempo livre para frequentar aulas presenciais (MUGNOL, 2009).

O Brasil tem uma longa história de sucesso com a Educação a distância (EaD). Porém, com a pandemia de COVID-19 que se iniciou em fevereiro de 2020, todas as instituições de ensino tiveram que parar suas atividades para manter o distanciamento social evitando assim aglomerações, uma das formas mais eficazes de evitar a proliferação do vírus, segundo as autoridades sanitárias. Na impossibilidade de permanecer um longo período de tempo com as aulas suspensas, pois as consequências para a educação seriam talvez irreversíveis, foi proposto a retomada das aulas através do ensino remoto, essa foi uma solução imediata e de urgência para evitar maiores prejuízos. Um turbilhão de mudanças aconteceu ao mesmo tempo, o isolamento; o medo de contrair a doença e igualmente de transmitir; a solidão e a incerteza, tomaram conta do dia a dia das pessoas, para os educadores o reinventar-se nunca foi tão necessário, pensar e criar novas metodologias que pudessem atender as necessidades dos alunos em um modelo de ensino nunca visto antes, nesse período os educadores criaram sua própria forma de educar, particular e singular. Portanto nosso objetivo com essa pesquisa é identificar os desafios e os caminhos possíveis para que os educadores pudessem conduzir o ensino de forma remota. Para tanto realizaremos nossa pesquisa com três educadores, um da Educação básica, um do Ensino tecnológico e um do Ensino superior, através dessa identificação, poderemos visualizar um micro panorama da realidade vivida por educadores neste período atípico.

2 O ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS EFEITOS NO TRABALHO DOCENTE

Iniciamos nosso artigo fazendo referência a Educação a distância (EaD), isso porque essa foi a única modalidade conhecida por nós antes do ensino remoto, extraímos dela o máximo de informações possíveis, e as adequamos ao novo momento, porém na sequência deixaremos claro que apesar de ter sido a única referência para um ensino não presencial, os métodos não são iguais. O ensino remoto apesar de também se utilizar das tecnologias digitais, não se compara ao EaD, no sentido de não ter sido pensado e elaborado para tal, sua função foi meramente emergencial. Cunha (2020) realizou uma pesquisa onde buscou discutir a qualidade e o direito a educação no contexto da pandemia, em sua pesquisa ela apresenta alguns instrumentos que foram utilizados no processo de engajamento do ensino remoto, são eles: plataformas online; distribuição de materiais de estudo impressos; transmissão de aulas via TV aberta e rádio e outros

recursos digitais. Essa modalidade de ensino buscou adaptar metodologias originalmente do ensino presencial para o virtual, em contra partida a Educação a distância, foi pensada e estruturada para funcionar desta forma, suas metodologias são específicas para essa finalidade e os profissionais que atuam com ela, são qualificados para tal. Sendo assim, não podemos confundir ensino a distância com ensino remoto, suas origens, estruturas, organização e metodologias são diferentes.

Com o passar dos meses e com o avanço da vacinação, algumas escolas passaram a adotar uma outra modalidade emergencial, que combinou o ensino remoto, com o ensino presencial, criando assim o ensino híbrido, onde os alunos alguns dias da semana assistem aulas presenciais e em outros dias aulas remotas, essas duas modalidades foram criadas especialmente para o período de pandemia.

Modalidade	Definição
Educação a distância	Modalidade de ensino consolidada, com uma estrutura totalmente pensada e organizada para a educação a distância.
Ensino Remoto	Modalidade de ensino emergencial, instituído especialmente para o período da pandemia.
Ensino Híbrido	Modalidade que combina o ensino presencial e o ensino remoto, também instituído durante o período de pandemia.

Quadro 1. Definições de Educação a distância, Ensino remoto e Ensino híbrido. **Fonte:** desenvolvido pela autora

Mesmo com as diferenças apresentadas entre uma modalidade e outra, uma coisa é comum para ambas, o uso das tecnologias digitais para o acesso às aulas. Nesse período elas se mostraram um excelente instrumento para auxiliar no processo educacional. Hoje utilizamos as tecnologias digitais como computadores, *smartphones*, *tablets*, *smart TV*, para aprimorar nosso aprendizado. Essas tecnologias têm nos auxiliado no acesso a informações rápidas, e também têm sido uma boa alternativa para a formação profissional.

Para Sousa *et al.* (2011), o que se vem afirmando na literatura e na experiência até aqui construída, é que no cenário escolar integrado com vivências em multimídia é agregado a dinamização e ampliação das habilidades cognitivas, devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir; as possibilidades de extensão da memória e de atuação em rede, também são estimuladas; ocorre a democratização de espaços e ferramentas, pois estas facilitam o compartilhamento de saberes, a vivência

colaborativa, a autoria, coautoria, edição e a publicação de informações, mensagens, obras e produções culturais tanto de docentes como discentes.

Apesar de todos os benefícios que as tecnologias digitais agregaram ao longo de décadas, e afirmando que ela nunca foi tão necessária para a educação, percebemos que apesar disso ela não é um instrumento de acesso universal, os equipamentos são caros, e para que eles exerçam sua finalidade maior que é o acesso as informações, precisam ser conectados a uma rede de internet, que também representa um custo alto. Sendo assim, podemos inferir que uma grande parcela da população tem acesso a esse conteúdo, porém outra parte bastante significativa não tem acesso nem a alimentação, ou moradia, o que poderíamos dizer sobre tecnologias e internet, e é essa parcela da população que faz uso das redes públicas de ensino.

Para contextualizar o uso das tecnologias nos processos educacionais, trazemos dados que mostram qual porcentagem da população tem acesso a esses instrumentos, esses dados poderão nos apontar de antemão como está sendo a adesão e a eficiência do ensino remoto no Brasil. Apesar dos dados serem em escala nacional, nossa pesquisa se dará em uma escala bem menor, com educadores da cidade de Maceió- AL.

Os dados apresentados a seguir são do IBGE (2020), e mostram que 45,9 milhões de brasileiros ainda não tinham acesso à internet em 2018. Este número corresponde a 25,3% da população com 10 anos ou mais de idade. Dos 45,9 milhões de brasileiros que não acessavam a internet, 32,2 milhões viviam em área urbana e 13,7 milhões, em área rural. Regionalmente, o maior número dessas pessoas vivia no Sudeste, região que concentra a maior parte da população do país. Porém, as regiões Nordeste e Norte eram as que apresentavam maior percentual entre a população local, de pessoas que não acessavam a rede: 36% e 35,3%, respectivamente. Nas demais regiões, o percentual de pessoas que não acessavam à internet era menor que a média nacional: 18,5% no Centro-Oeste, 18,9% no Sudeste e 21,8% no Sul. Os dados sobre o acesso à internet só reafirmam a segregação e a pobreza que está concentrada nas regiões Norte e Nordeste, historicamente as regiões mais pobres e com os menores IDHs do país, consequentemente com os menores índices de escolarização.

Ainda segundo essa mesma pesquisa, enquanto na área urbana o percentual de domicílios com acesso à internet passou de 80,2% (2017), para 83,8% (2018), na área rural ele saltou de 41% (2017) para 49,2% (2018), um crescimento que ocorreu em todas

as regiões do país. A pesquisa também questionou sobre qual o principal motivo para o não uso da internet e o mais relatado foi o financeiro.

Embora o fator financeiro não tenha sido apontado como única justificativa para o não uso da internet, o IBGE (2020) destacou ser grande a diferença de renda entre os domicílios onde havia conexão e aqueles sem acesso. O rendimento real médio per capita nos domicílios em que havia utilização da Internet era de R\$ 1.769, quase o dobro do rendimento dos que não utilizavam a rede, que foi de R\$ 940.

O IBGE (2020) também destacou que, em 2018 o celular era o único meio de acesso à internet em 45,5% dos domicílios do país. Em 2017, esse percentual era de 43,3%. Sabendo que o acesso se dá em absoluta maioria através dos aparelhos celular, podemos nos questionar, como mesmo o aluno tendo acesso à internet, ele consegue assistir as aulas; realizar leituras; e produzir tarefas, apenas com o uso do celular? Talvez não seja possível, e esse seja mais um dos motivos que dificultam e desafiam o ensino remoto.

Os dados do IBGE apresentados anteriormente nos sinalizam o panorama nacional de acesso à internet, mesmo com o crescimento dos últimos anos, os dados mostram que milhões de brasileiros/as não tem acesso a ela, seja por não poder pagar pelo serviço, ou por não tê-lo disponível em sua localidade. Esses dados são importantes para que possamos pensar nas consequências que surgirão para os alunos pelo não acesso as aulas, mesmo com os esforços de escolas e educadores, a extensão do ensino remoto não poderia ser satisfatória já que uma grande parte dos alunos não tem acesso à internet, de modo que os dados nos fazem depreender que os educadores terão muitos desafios para auxiliar os alunos a recuperar esse período em que não tiveram acesso as às aulas.

Tendo em vista a natureza reflexiva desta pesquisa, concomitante com a produção de conhecimentos, guiada por autores que possam nos auxiliar no caminho até a chegada aos objetivos desta, devemos traçar estratégias metodológicas que nos permita chegar ao fim, com o máximo de informações úteis sobre os desafios dos educadores no período da pandemia de COVID-19, assim como, os métodos possíveis para contornar as dificuldades que os colaboradores desta pesquisa encontraram nesse percurso ainda sem previsão de chegada.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Partindo do cenário exposto, caminharemos agora para a parte prática de nossa pesquisa. Ela será qualitativa e tem a intenção de apresentar as dificuldades que já foram

sinalizadas anteriormente, de lugares bem definidos e pontuais. Falaremos de experiências e saberes localizados, por considerar imensurável do ponto de vista quantitativo os danos e as possibilidades que se abriram para o processo educacional durante esses quase dois anos de pandemia. A pesquisa qualitativa é uma das opções de pesquisa científica que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e dinâmica das relações sociais. Ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação (MINAYO, 2013).

Para nos auxiliar contaremos com a colaboração de 3 docentes voluntários, um de cada seguimento da educação, de instituições e seguimentos distintos. Para dar amplitude a pesquisa e atingir uma perspectiva não minimalista, consideramos importante trazer a compreensão de um docente de cada seguimento da educação, assim contaremos com docentes que atuam na rede pública e na rede privada de ensino, para que possamos ao final de nossas análises inferir corretamente sobre o proposto nesta pesquisa, com o maior número de variantes possíveis. Também buscaremos junto a esses profissionais identificar as principais dificuldades referentes ao ensino no processo de transição das aulas presenciais para as virtuais; compreender quais demandas apareceram de forma mais latente no discurso de cada um deles acerca de suas aulas durante a pandemia da COVID-19.

De forma breve, apresentarei os docentes colaboradores da pesquisa. O primeiro colaborador atua no ensino superior em uma instituição privada na cidade de Maceió, nos cursos de Administração e ciências contábeis, as disciplinas de estatística e direito do consumidor; o segundo atua no ensino tecnológico em instituição pública na cidade de Maceió, nos cursos de Gestão do turismo e Hotelaria, as disciplinas de metodologia científica, tecnologia culinária e hotelaria hospitalar; e o terceiro atua na educação básica, em uma escola municipal também na cidade de Maceió, leciona a disciplina de português no 6º ano do ensino fundamental. Todos os colaboradores atuavam de forma presencial antes da pandemia, e hoje estão com suas práticas estabelecidas no meio online.

Como método para a coleta de dados utilizamos questionários, com um modelo padrão e temas específicos pré-definidos, como: ensino remoto, meios de melhorar as

metodologias de ensino virtual, uso das plataformas digitais, aplicativos de troca de mensagens, didática utilizada. Todas as questões foram iguais para os três participantes. Diante da impossibilidade de realizar as entrevistas de forma presencial usamos a tecnologia como aliada, o contato inicial com os colaboradores se deu através de um aplicativo de troca de mensagens e as entrevistas foram encaminhadas via e-mail. Desejamos através desta pesquisa apresentar o ponto de vista dos professores, que aceitaram o desafio de ensinar em meio a um cenário tão brutal decorrente desse vírus.

Diante do processo de pandemia houveram muitas mudanças no sistema educacional, os educadores foram questionados sobre qual foi a maior dificuldade para lecionar durante esse período, e como foi incorporar a tecnologia como único meio de prosseguir com as atividades docentes.

“...houveram grandes mudanças e dificuldades desde o início da pandemia. Para mim foram várias, mesmo utilizando computadores, tablets e celulares a muito tempo, para o trabalho, quando eu tive que utiliza-los como os únicos meios de comunicação com meus alunos, foi um choque, pensei como poderia dar conta de continuar educando de forma virtual, sem ter tido nenhuma preparação para isso.”

Professor 1. Atua no ensino superior.

“Haja vista minha formação (Strictu Sensu) ser em Educação c/estudos e pesquisas na linha das TDICs profissionalmente não senti dificuldades para atuar no ensino remoto.”

Professor 2. Atua no ensino tecnológico.

“No início houve um pouco de dificuldade na adaptação em relação as plataformas.”

Professor 3. Atua na educação básica.

Podemos perceber que mesmo com a utilização das tecnologias digitais no dia a dia houve certa dificuldade por parte dos professores na utilização delas como único meio para desenvolverem seu trabalho. De acordo com Sousa *et al.* (2011), devemos levar em consideração o fato de vivermos em um país de muita desigualdade social, inclusive entre os docentes, um número muito grande de pessoas não tem acesso a computadores e a internet, então é difícil pensarmos em professores que estivessem preparados pedagogicamente para o uso da tecnologia na educação.

A seguir, Cunha (2020) apresenta dados de uma pesquisa que só fortalecem nossas concepções a respeito da adaptação dos docentes ao novo modelo de ensino:

Observamos que os estudantes, os professores e as famílias têm se esforçado na tentativa de superar os obstáculos e prejuízos decorrentes

da interrupção das aulas presenciais. Entretanto, de acordo com pesquisa realizada pelo Movimento Todos Pela Educação, com base nos dados do CETIC (2018) e INEP (2017), 67% dos professores, por exemplo, declaram necessidade de aperfeiçoamento ou formação para fazerem o uso pedagógico das tecnologias para mediar adequadamente o processo de ensino. O estudo evidencia, ainda, que 76% dos professores se mobilizaram para aprender a respeito das tecnologias educacionais, cujo objetivo foi superar as dificuldades do momento. Além disso, apontam que a maioria dos professores não tiveram em sua formação inicial e nem continuada a preparação para o uso de tecnologias na educação (CUNHA, 2020, p.34).

A maioria dos professores não faz parte dessa geração, e por isso, apresentaram alguma dificuldade no uso das tecnologias em sala de aula. Essas dificuldades acabam por desencadear outras dificuldades, já que o professor deve exercer a função de orientar os alunos quanto ao uso e caminhos a serem trilhados nesse novo momento. Portanto, é importante compreendermos que a falta de capacitação dos docentes nesse quesito, acaba se tornando mais um agravante nesse momento de ensino emergencial. Apenas um professor expressou não ter tido grandes dificuldades, porque esse já tinha uma formação voltada ao meio tecnológico. Além das dificuldades apresentadas em relação as tecnologias, também foi expressado pelos docentes alterações no comportamento e no desenvolvimento dos alunos:

“Percebi que eles ficaram mais dispersos, muitas vezes não sabemos se eles estão ou não prestando atenção naquilo que é colocado nas aulas, muitos não abrem as câmeras e também não interagem, o que me deixa com uma incógnita, o não saber se estão entendendo o conteúdo, talvez tenha deixado os alunos mais reclusos”

Professor 1. Atua no ensino superior.

“Esses estavam muito habituados à modalidade presencial. Além disso, tiveram que gerenciar na pandemia principalmente os estudos síncronos no Google Meet com as nuances do espaço doméstico. Essa realidade, acredito que os inibiram a participar das aulas de modo mais efetivo...”

Professor 2. Atua no ensino tecnológico.

“A assiduidade diminuiu bastante, diferentemente das instituições particulares, as escolas públicas praticamente param por um longo período de tempo, a dificuldade de acesso as aulas virtuais são muito grandes por parte dos nossos alunos, então a quantidade de alunos nas aulas, diminuiu significativamente.”

Professor 3. Atua na educação básica.

Além da ausência de muitos alunos nas aulas de ensino remoto, o professor 3 trouxe um ponto interessante, a dificuldade de acesso as aulas, porque além das distrações

causadas pelas aulas no ambiente doméstico, devemos levar em consideração que uma grande parcela dos alunos não teve contato nenhum com as aulas remotas, por falta de equipamentos ou de internet.

Cunha (2020) pontua exatamente a questão colocada pelo professor 2, todos os estudantes passaram a ter uma nova dinâmica escolar/doméstica, esse espaço de casa, se mostrou para muitos alunos como impróprio/inadequado, muitas casas não dispõem de um ambiente silencioso e acolhedor para assistir as aulas, ler, etc. A maioria das residências contam com poucos cômodos e muitos integrantes o que gera excesso de movimento e barulho. O autor também destaca a necessidade do acompanhamento de algum adulto para mediar o aprendizado das crianças, e muitas vezes os pais ou outro adulto que esteja disponível não tem o conhecimento ou a habilidade necessária para oferecer esse suporte no ambiente doméstico.

Em relação ao acesso às tecnologias digitais e o processo de inclusão digital Sousa *et al.* (2011), diz que esse processo requer a aceitação e a credibilidade das pessoas envolvidas, assim como das instituições, além do acesso as tecnologias que os levam até o ensino nesse formato, garantindo a acessibilidade tecnológica a todos os envolvidos. O autor também nos sinaliza para a observação da subjetividade dos indivíduos, pois cada um deles, seja o educador ou aluno tem um ritmo diferente de aprendizagem, e esse ritmo deve ser respeitado. Assim, a inclusão digital extrapola os limites temporais e espaciais da sala de aula e oportuniza atos comunicativos oferecendo acesso a diversos tipos de informações. A dificuldade no acesso as aulas, se mostra como um ponto de tensão nesse momento de aulas remotas, pois ainda não se pode estimar os prejuízos a longo prazo, para esses alunos.

Além das dificuldades de acesso aos alunos, os docentes relataram como tiveram que adaptar suas metodologias de ensino, da forma presencial para o ensino remoto.

“Foi bem complicado no início, tive que fazer algumas tentativas até chegar na metodologia que pudesse ser mais atrativa, não é possível interagir da forma como é feito presencialmente, então tive que pensar alternativas virtuais para fazer com que os alunos tivessem interesse, vídeos, filmes, arquivos para construir coletivamente...”

Professor 1. Atua no ensino superior.

“Assim, planejar aula para mediar conhecimentos na virtualidade precisa-se alinhar conteúdos x objetivos x material didático e interfaces de comunicação disponibilizadas pela web primando pela

relação dialógica entre esses elementos. Por isso é necessário questionar: para o tema/conteúdo “y” qual a interface de conteúdo (slides/video/texto/áudio/imagem) pode ser parceira da interface de comunicação (fórum/chat/mural virtual – padlet, jamboard) de maneira que propicie interação e interatividade...”

Professor 2. Atua no ensino tecnológico

“Tive que pensar em algumas estratégias, para os alunos que não tinham acesso a Internet, passei a fazer atividades para toda a semana, onde continham os conteúdos e exercícios, os pais que podiam passavam na escola e pegavam, para os que tinham acesso à internet, tentei ser mais dinâmico na fala, e utilizar vídeos, músicas e filmes para auxiliar nas aulas, faze-las mais atrativas.”

Professor 3. Atua na educação básica.

Todos os docentes que colaboram com nossa pesquisa utilizaram metodologias diferentes para acessar os alunos, aquele que já tinha mais afinidade com os instrumentos, demonstrou mais segurança na elaboração das aulas e no desenvolvimento de sua própria metodologia de ensino, já os outros dois tiveram mais dificuldades, um deles teve que tentar várias estratégias até chegar em algumas que pudessem ser eficazes para as aulas remotas, e o professor da educação básica, teve que desenvolver duas metodologias diferentes, uma para as aulas remotas e outra para aqueles alunos que não tinham acesso a elas. Todos a seu modo tentaram de acordo com sua experiência e necessidade de seus alunos chegar até eles.

De acordo com Mugnol (2009), a mudança na cultura dos professores e dos alunos que tem como parâmetro um modelo pedagógico presencial, para um meio virtual faz uma ruptura em uma estrutura que era bem sólida, e essa ruptura como é de se esperar exige novas adaptações. Outro ponto que deve ser lembrado é o papel das instituições, pois a distância física entre alunos e professores é um desafio também para as instituições de ensino, já que exige um investimento em tecnologias, que é necessário para essa mediação. Sendo assim, o papel das escolas e universidade também é importante em todo esse movimento de adaptação ao ensino remoto.

Ao final, solicitamos que sugerissem métodos que adotaram e tiveram um retorno positivo dos alunos.

“Eu atuo com alunos que já tem mais idade, são estudantes de um curso de graduação noturno, a maioria trabalha no horário diurno, então a noite eles já estão cansados, eu tento fazer uma aula dinâmica, mesmo à distância, solicito tarefas para serem feitas no horário da aula, uso filmes e músicas, tento prender a atenção deles com assuntos que eles que conhecem, então sempre utilizo exemplos contextualizados na realidade deles”.

Professor 1. Atua no ensino superior.

*“Minha primeira opção didático-metodológica é construir a **Agenda do Estudante**, na qual consta apresentação e objetivos da disciplina, datas e períodos das aulas síncronas e assíncronas, como também o detalhamento da rubrica ou critérios avaliativos das unidades semanais. No primeiro encontro síncrono apresento-a aos alunos, discutimos e também ajustamos acordos sobre o que foi previamente planejado. Desse modo, os discentes sentem-se atores coadjuvantes do processo”.*

Professor 2. Atua no ensino tecnológico.

“Roteiros completos de atividades/projetos acompanhados de materiais para estimular os alunos por meio de metodologias ativas, recursos digitais, atividades de linguagem, dinâmicas”.

Professor 3. Atua na educação básica.

Mesmo com a utilização massiva de outros tipos de instrumentos tecnológicos, os professores relataram métodos tradicionais adaptados para o meio virtual, como a agenda do estudante, atividades durante as aulas e dinâmicas. Posto isso, conseguimos observar como eles tentaram se adaptar aos instrumentos digitais, mas não deixaram de inserir estratégias típicas das aulas presenciais, segundo eles essa metodologia de misturar técnicas, funcionou para os alunos que conseguiram ter acesso as aulas. Alves (2020) nos diz que temos que tentar engajar nossos alunos através de atividades que devem desafiá-los a criar, participar e interagir com seus professores e pares, pensando e discutindo o momento que estão vivendo e escutando uns aos outros.

Cunha (2020) defende a ideia de que o ensino remoto mediado por tecnologias digitais, nesta situação de pandemia, é um arranjo circunstancial de emergência, longe de atender as demandas de uma proposta educacional que garanta o acesso, permanência e possibilidades satisfatórias de aprendizagem.

Assim como Cunha (2020), os docentes participantes da pesquisa, nos sinalizam que nesse momento não está sendo possível ofertar uma educação com elementos suficientes para atender todas as necessidades dos alunos. Sobre as deficiências educacionais que podem vir a se instalar em decorrência desse período Alves (2020) nos diz que:

...nunca mais seremos os mesmos, o estilo de vida que tínhamos antes da pandemia e chamávamos de normal, não retornará. E o processo de escolarização dos estudantes de distintos níveis será afetado por esse momento de latência e ao retornar, especialmente aqueles que estão com as aulas remotas, precisarão dar conta de conteúdos que não foram

aprendidos, gerando mais uma vez, frustração e insatisfação em todos os envolvidos no processo (ALVES, 2020, p.359).

Diante de todo o exposto, devemos concordar com Cunha (2020) e Alves (2020), pois ficou mais que claro em nossa pesquisa as dificuldades e tensões advindas do ensino remoto, tensões essas que atingiram professores, alunos, familiares e instituições de ensino, envolvendo todos os protagonistas em uma trama da qual só saberemos suas consequências mais adiante. Muitos foram os desafios encontrados pelos docentes que colaboraram com nossa pesquisa, desde a falta de afinidade com alguns tipos de tecnologias ou plataformas, passando pela inexperiência em lecionar no modelo remoto, que aliás foi uma grande novidade, e cheia de descobertas, o distanciamento dos alunos, também foi um fator agravante para o momento, manter a atenção dos alunos, durante as aulas e a falta de capacitação para enfrentar esses novos desafios, foram os pontos mais difíceis citados pelos educadores. Como caminhos possíveis, as estratégias metodológicas adaptadas que cada um deles desenvolveu, é um exemplo de como podemos e devemos ser adaptáveis, cada um pensou e aplicou técnicas que melhor atendessem a necessidade dos seus alunos, metodologias próprias e nunca antes utilizadas para essa finalidade. Mesmo cada um desenvolvendo sua própria metodologia, um ponto em comum esteve presente do processo de todos, a tentativa de adaptar metodologias do ensino presencial para o remoto, e assim novas metodologias surgiram.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo com essa pesquisa foi identificar os desafios e os caminhos possíveis para que os educadores pudessem conduzir o ensino que anteriormente era de forma presencial, para o modelo remoto. Como resultado desta pesquisa observamos que houveram algumas dificuldades iniciais por parte dos docentes em adaptar-se ao novo modelo de ensino, também observamos que alguns profissionais tiveram uma maior adaptabilidade em decorrência de sua formação acadêmica, outros tiveram uma maior dificuldade, que foi superada durante o processo de adaptação aos novos métodos de ensino, todos relataram as dificuldades que encontraram para manter a atenção dos alunos e para isso buscaram metodologias alternativas, as que eram utilizadas nas aulas presenciais.

Na fala dos professores também surgiram questões importantes, como a dificuldade de acesso as aulas por parte dos alunos das escolas públicas, que não tem os instrumentos necessários nem uma rede de internet adequada para acompanhar as aulas,

outra questão foi a falta de intimidade com as tecnologias. Ficou claro para nós que, apesar das dificuldades enfrentadas os professores se empenharam muito para não parar suas atividades e ofertá-las com qualidade, também foi um momento de reflexão sobre as carências educacionais e tecnológicas que professores e alunos estão sujeitos, em nossa pesquisa todos os docentes tinham acesso à internet e computador, mas sabemos que em algumas cidades do estado o acesso à internet é deficitário, o que com toda a certeza foi um agravante a mais diante de toda essa problemática, que já existia e tornou-se bem mais definida nesses últimos dois anos. Por fim, apresentamos como alguns docentes da cidade de Maceió conseguiram conduzir suas aulas nesse período de pandemia, as estratégias utilizadas por eles, foram efetivas no caso concreto e podem ser utilizadas como uma fonte de consulta para outros educadores.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. **Educação remota: entre a ilusão e a realidade**. *Educação*, 8(3), 348–365, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>>.

Acesso em: 24/11/2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília*, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>.

Acesso em: 24/11/2021.

EAD. **Como surgiu o EAD**, 20 de jun. 2016. Disponível em:

<<https://www.ead.com.br/comosurgiu-ensino-a-distancia>>. Acesso em: 15/09/2021.

IBGE. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2020**/ IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020. Disponível em:<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101794>>. Acesso em: 15/09/2021.

IPEA. **Um Perfil do Uso da Educação On-Line no Brasil**. 2012. Disponível em:<<https://www.ipea.gov.br/radar/temas/educacao/494-radar-n-13-um-perfil-do-uso-da-educacaon-line-no-brasil>>. Acesso em: 02/10/2021.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec. 2013.

MUGNOL, M. **A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL: conceitos e fundamentos**. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 27, p. 335-349, maio/ago. 2009.